



Andressa Gabrielly Almeida Brandão¹ | Paula Lavínia Silva Trabuco² | Alexandra Amorim Helfenstein³

CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DE ODONTOLOGIA SOBRE PRESCRIÇÃO MEDICAMENTOSA E SUAS ALTERAÇÕES FRENTE À PANDEMIA DO SARS-COV-2

KNOWLEDGE OF DENTAL STUDENTS ABOUT DRUG PRESCRIPTION AND ITS
CHANGES IN THE FACE OF THE SARS-COV-2 EPIDEMIC

CONOCIMIENTO DE LOS ESTUDIANTES DE ODONTOLÓGÍA SOBRE LA PRESCRIPCIÓN
DE MEDICAMENTOS Y SUS CAMBIOS ANTE LA EPIDEMIA DE SARS-COV-2

RESUMO

Introdução: Uma prescrição medicamentosa segura requer um conhecimento amplo e atualizado sobre fármacos, preservando eventuais interações químicas e efeitos adversos. **Objetivo:** Avaliou-se o nível de conhecimento dos estudantes de graduação em Odontologia da cidade de Feira de Santana-BA, que estavam cursando entre o 7° e 10° semestre, a respeito de antibióticos, analgésicos e anti-inflamatórios e o que alterou na prescrição odontológica com o SARS-CoV-2. **Metodologia:** O presente estudo consistiu em uma abordagem descritiva e transversal, tendo como instrumento de coleta um questionário online via Google Forms com 20 questões objetivas. **Resultados:** A predominância das devolutivas foram de pessoas do gênero feminino, possuindo entre 21 e 25 anos, em sua maioria cursando o 8° semestre. Houve consenso na indicação de medicamentos para quadros álgicos e inflamatórios, porém houveram discrepâncias a respeito da prescrição de antibióticos e dos protocolos adotados no âmbito pandêmico da Covid-19. **Considerações finais:** Os dados obtidos permitiram concluir que os acadêmicos estão recebendo adequadamente, entretanto é necessário interligar a teoria à prática possibilitando mais vivências clínicas e consequentemente mais segurança ao prescrever.

PALAVRAS-CHAVE

Discentes. Farmacologia. Prescrição Medicamentosa.

ABSTRACT

Introduction: A safe drug prescription requires a broad and updated knowledge about drugs, preserving any chemical interactions and adverse effects. **Objective:** The level of knowledge of undergraduate Dentistry students in the city of Feira de Santana-BA, who were attending between the 7th and 10th semester, about antibiotics, analgesics and anti-inflammatory drugs and what changed was evaluated in dental prescription with SARS-CoV-2. **Methodology:** This study consisted of a descriptive and cross-sectional approach, using an online questionnaire via Google Forms with 20 objective questions as a collection instrument. **Results:** The predominance of respondents were female, aged between 21 and 25 years, mostly attending the 8th semester. There was a consensus on the indication of medication for pain and inflammatory conditions, but there were discrepancies regarding the prescription of antibiotics and the protocols adopted in the pandemic scope of Covid-19. **Final considerations:** The data obtained allowed us to conclude that students are prescribing properly, however it is necessary to link theory to practice, allowing for more clinical experiences and, consequently, more safety when prescribing.

KEYWORDS

Drug Prescription. Pharmacology. Students. Understanding.

RESUMEN

Introducción: Una prescripción segura de medicamentos requiere un conocimiento amplio y actualizado sobre los medicamentos, preservando posibles interacciones químicas y efectos adversos. **Objetivo:** El nivel de conocimiento de los estudiantes de pregrado en Odontología de la ciudad de Feira de Santana-BA, que cursaban entre el 7° y 10° semestre, sobre antibióticos, analgésicos y antiinflamatorios y lo que cambió en la prescripción odontológica con el SARS-CoV -2. **Metodología:** El presente estudio consistió en un enfoque descriptivo y transversal, utilizando como instrumento de recolección un cuestionario en línea a través de Google Forms con 20 preguntas objetivas. **Resultados:** El predominio de los retornos fue del sexo femenino, con edades entre 21 y 25 años, la mayoría cursando el 8° semestre. Hubo consenso sobre la indicación de fármacos para el dolor y la inflamación, pero hubo discrepancias en cuanto a la prescripción de antibióticos y los protocolos adoptados en el contexto de la pandemia de Covid-19. **Consideraciones finales:** Los datos obtenidos permitieron concluir que los académicos están prescribiendo correctamente, sin embargo es necesario vincular la teoría con la práctica permitiendo más experiencias clínicas y consecuentemente más seguridad al prescribir.

PALABRAS CLAVE

Estudiantes. Comprensión. Farmacología. Prescripción de medicamentos.

INTRODUÇÃO

Existe uma lacuna no conhecimento dos cirurgiões-dentistas para a prescrição e uso racional de medicamentos, levando o profissional a prescrever desnecessariamente ou em excesso (LUCCHETTE *et al.*, 2019). O conhecimento sobre cinética, dinâmica e efeitos adversos são fundamentais na prática clínica. A desvalorização do estudo farmacológico pelos discentes, durante a graduação, por vezes, acarreta na formação de um clínico reprodutor de prescrições prontas (LUCIO *et al.*, 2011)

Acredita-se que existe uma falta de integração do conhecimento teórico para o prático entre os discentes, decorrentes de carga horária insuficiente da disciplina de farmacologia e da falta de treinamento clínico específico (MOURA *et al.*, 2014). A prescrição racional é definida como o uso do menor número de medicamentos para obter o melhor efeito possível no período mais curto, sendo os analgésicos, anti-inflamatórios e antimicrobianos os fármacos mais indicados pelos cirurgiões-dentistas (JAIN *et al.*, 2015).

Os analgésicos são prescritos, geralmente, por um curto período sendo a dipirona e o paracetamol os mais prescritos na prática clínica (ANDRADE, 2014). Os anti-inflamatórios podem ser não esteroides (AINEs) e esteroidais (AIEs), sendo os AINEs hormônios sintéticos que possuem ação analgésica, antitérmica, anti-inflamatória e antitrombotária (RAMOS *et al.*, 2014). Já os AIEs são indicados para combater hiperalgesia e controle de edema inflamatório (ANDRADE, 2014).

Os antimicrobianos possuem a capacidade de eliminar as bactérias ou inibir sua multiplicação, sendo a amoxicilina o fármaco mais prescrito contra as bactérias em infecções de origem odontológica (OUA-NOUNOU e NG CHABAN, 2020). A COVID-19 tem provocado sensação de insegurança em todos os aspectos da vida (TYSIAC *et al.*, 2020; FARO *et al.*, 2020). Além disso, à medida que se conhece melhor a atividade do vírus muitos protocolos medicamentosos e de biossegurança têm surgido a respeito (SARAPULTSEVA *et al.*, 2021).

Dessa forma tal estudo objetivou diagnosticar o conhecimento farmacológico dos graduandos de Odontologia da cidade de Feira de Santana-BA, a respeito de antibióticos, analgésicos e anti-inflamatórios, bem como a compreensão dos mesmos a respeito das mudanças frente a pandemia do SARS-CoV-2. Justificando-se, portanto a realização de tal pesquisa no intuito de identificar lacunas no aprendizado dos acadêmicos a fim de minimizar futuras prescrições inadequadas.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo consistiu em uma análise descritiva e transversal com os estudantes de graduação em Odontologia da cidade de Feira de Santana-BA. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, CAAE 45129421.8.0000.5032. A população a ser estudada consistiu em aproximadamente 650 estudantes cursando entre o 7° e 10° semestre. Ao aceitarem participar, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) online e foram inquiridos sobre prescrição medicamentosa e quais condutas são adotadas em algumas condições específicas. O questionário foi estruturado com 20 perguntas objetivas pelo *Google Forms*.

Após realização da pesquisa, tendo conhecimento do número de estudantes que não aceitaram participar, obtemos a margem de erro do estudo. Os dados obtidos foram tabulados de acordo com a modelagem e variáveis e, posteriormente, foram dispostos em gráficos e tabelas para uma melhor visualização e interpretação dos resultados. Não houve identificação por nome, nem exposição de dados pessoais na tabulação e/ou na publicação dos resultados. Dessa forma, diante da metodologia empregada, dos critérios estabelecidos e com base nas Resoluções n° 466/12 e 510/16, do Ministério da Saúde, o presente trabalho foi consoante com os preceitos éticos.

RESULTADOS

No presente estudo foram entrevistados 173 alunos que cursavam do 7° ao 10° semestre de três instituições de ensino superior da cidade de Feira de Santana-BA, sendo uma estadual e outras duas maiores instituições privadas situadas no município. A amostra utilizada foi feita por conveniência, pois devido ao questionário ser aplicado de forma online, muitos estudantes não davam retorno do mesmo. Devido a isto, não foi possível adotar o cálculo amostral e o tratamento dos dados obtidos foram feitos pelo programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0.

O grupo de universitários de odontologia de Feira de Santana em sua maioria é composto pelo gênero feminino em 79%. Já no que diz respeito a idade dos entrevistados, 72% possuem entre 21 e 25 anos, 13% 31 anos ou mais, 10% entre 26 e 30 anos e 5% na faixa etária de 18 a 20 anos. A grande maioria dos entrevistados relatou está cursando o 8º semestre 38%, seguido do 10º semestre com 24%, 9º semestre com 20% e 7º semestre com 18%.

A respeito das informações pertinentes a questões gerais do entrevistado onde 71% afirmaram se sentirem seguros ao prescrever analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos. 75,7% avaliaram seu conhecimento em farmacologia como médio e 20,2% como pouco. 51,4% relataram ter dificuldades ao prescrever antibióticos. E quanto à indagação de utilizar o nome genérico ou comercial durante a prescrição houve uma equiparação dos resultados onde 35,8% relataram utilizar o nome comercial, 30,1% o nome genérico e 34,1% ambas as denominações. Quando questionados se haviam feito algum curso na área da farmacologia, 73,4% relataram que não.

Abordando as questões pertinentes a classe dos analgésicos, na qual 89,7% afirmaram que o AINE pode elevar a P.A por interferir no mecanismo de homeostase renal. Quando questionados sobre qual analgésico deve ser evitado a portadores de problemas no fígado 59,5% responderam ser o paracetamol e 21,4% o Ibuprofeno. Já na inquirição a respeito de qual analgésico devemos ter cautela com pacientes apresentando histórico de anemia 34,1% afirmaram não saber responder e 28,9% relatou ser a dipirona. No tocante ao atendimento de gestantes 69,4% relataram que o paracetamol é o analgésico de escolha.

A tabela 1 refere-se às questões relacionadas a classe dos anti-inflamatórios em que quando questionado sobre qual AINE seria mais seguro para crianças 74,6% citaram ser o ibuprofeno. Já na indagação de qual grupo de fármaco faz interação medicamentosa com anticoagulantes e deveria ser evitada sua associação, 72,8% informaram ser o grupo dos AINE's.

A tabela 2 nos traz informações relacionadas à classe de antibiótico onde grande maioria 93,6% diz que a amoxicilina é o medicamento de escolha para exodontias em pacientes ASA I. Já em casos de hipersensibilidade à amoxicilina, 65,3% citaram clindamicina. Na indagação sobre quando prescrevemos antibióticos, 96%, relatou que serve para uso terapêutico ou profilático de infecções.

A tabela 3 refere-se a questões relacionadas a terapêutica medicamentosa durante a pandemia do SARS-CoV-2 onde 67,1% dos entrevistados expôs que analgésicos como dipirona e paracetamol são os medicamentos de escolha para prescrição em urgência odontológica na atualidade pandêmica. Em relação a pacientes que necessitam de profilaxia antibiótica em meio à pandemia, sem histórico de alergia, 71,7% relataram que a amoxicilina é o antibiótico mais eficaz. No que se refere à redução da carga viral no atendimento odontológico, 77,5% mostraram ser a clorexidina 0,12%.

DISCUSSÃO

Os resultados mostraram que a maioria dos estudantes entrevistados souberam responder positivamente o questionário aplicado. Entre os 173 participantes do estudo, 79% eram do gênero feminino e 21% masculino, informações estas que corroboram com estudos realizados por Álvarez *et al.* (2012) e Moura *et al.* (2014) onde as mulheres compunham a maioria dos entrevistados. Em relação à idade, o presente estudo encontrou que 72% dos entrevistados apresentaram idade entre 21 e 25 anos, semelhante aos dados obtidos por Lins *et al.* (2019) e Assunção *et al.* (2017).

O curso de graduação em Odontologia no Brasil tem duração de 5 anos. O maior número de respostas foi dos estudantes do 8º semestre ou quarto ano (38%). Consoante com estudo realizado por Moura *et al.* (2014), onde a maior parte dos entrevistados cursavam entre o terceiro e quarto ano de graduação. Tratando-se da segurança ao prescrever medicamentos, 71,1% disseram se sentir seguros. Em contrapartida, na indagação a respeito de como o estudante avalia seu conhecimento, 75,7% responderam médio e 20,2% pouco, informação esta que entra em discordância com a primeira pergunta, já que os entrevistados em sua maioria afirmaram ter segurança ao prescrever. Esses achados concordam com os encontrados no estudo realizado por Lucio *et al.* (2011).

A respeito de qual classe de medicamentos os estudantes possuem mais dificuldade para prescrever, 51,4% relataram ser o antibiótico. Em estudos realizados por por Struzycka *et al.* (2019) na Polônia e por Anaud *et al.* em João Pessoa (2021) que buscavam avaliar o conhecimento dos estudantes de Odontologia a respeito da prescrição de antibióticos, ambos chegaram à conclusão de que existe insegurança e falta de conhecimento a respeito desta classe de medicamentos, o que também pode explicar o resultado encontrado no presente estudo.

Como observado na pesquisa, 35,8% dos estudantes relataram prescrever a medicação com o nome comercial, 30,1% nome genérico e 34,1% com ambos. É importante ressaltar que a lei 9787 de 10 de fevereiro de 1999 estabelece que no âmbito do SUS, o medicamento deve ser prescrito pelo nome genérico, obrigatoriamente, adotando-se a Denominação Comum Brasileira (DCB) e, em sua ausência, a Denominação Comum Internacional (DCI).

Já nos serviços privados de saúde, a prescrição pode ser feita utilizando o nome genérico ou comercial. Em estudo feito por Carvalho *et al.* (2017), 28,8% prescrevem com nome comercial, 43,93% com o genérico e 25,75% ambos, concluindo assim que existe dúvida e desconhecimento a respeito desta indagação, pois, a população atendida pelas clínicas escolas de Feira de Santana-BA atendem em sua grande parte uma população de baixa renda, semelhante ao SUS, e por este fato justificasse a necessidade de prescrição com o nome genérico.

A maior parte dos entrevistados (89%) relataram que os AINES podem elevar a pressão arterial e conseqüentemente interferir na homeostase renal. Da Cunha *et al.* (2012), traz que o principal mecanismo que envolve a elevação da pressão arterial pelos AINES é a inibição da enzima COX. Tal inibição gera a redução sistêmica e renal da síntese de prostaglandinas (PGs), diminuindo suas taxas. Tais prostaglandinas agem mantendo a homeostasia renal por regulação da reabsorção de sódio e água.

Referindo-se a qual analgésico deve ser evitado para pacientes portadores de problemas hepáticos, 59,5% dos estudantes relataram ser o paracetamol. Em estudo realizado por Marques *et al.* (2012) trazem que o uso do paracetamol promove a destruição das células do fígado através de quimiocinas e produtos mitocondriais que colaboram na lesão mediada por neutrófilos e inflamação sistêmica durante a insuficiência hepática aguda, justificando que pessoas portadoras desses problemas devem evitar ingerir esse medicamento. Cerca de 21,4% disseram ser o ibuprofeno, no entanto, Andrade *et al.* (2014) salienta-se a necessidade de bom senso em pacientes com doenças cardiovasculares e disfunção hepática ou renal. De acordo com a presente pesquisa, 40,4% dos entrevistados não souberam responder corretamente, denotando a necessidade de instrução para maior capacitação dos futuros profissionais.

No presente estudo, 28,9% afirmaram ter cautela para prescrever dipirona em pacientes com histórico de anemia, o que de acordo com Andrade (2014), há risco de agranulocitose e anemia aplástica ou seja, distúrbios hematológicos secundários a medicamentos. Já 24,9% relatou ser o ibuprofeno e 21,4% o paracetamol, porém não foi possível observar estudos onde esses medicamentos fossem encontrados.

No que diz respeito à prescrição de analgésicos para gestantes, 69,4% afirmaram ser o paracetamol o medicamento de escolha. Vasconcelos *et al.* (2012) afirmam que o paracetamol empregado em doses terapêuticas, não apresenta efeitos teratogênicos, podendo ser utilizado com segurança no tratamento de dor suave a moderada, em qualquer estágio da gestação. Em contrapartida, 16,8% dos entrevistados relataram ser a dipirona, entretanto, Amadei *et al.* (2011) e Caneppele *et al.* (2011) afirmam, ainda, que a dipirona sódica é o analgésico de segunda escolha, tendo como desvantagem o risco de agranulocitose, o qual pode predispor a gestante a infecções.

Em relação ao AINE mais prescrito para crianças, 74,6% afirmaram ser o ibuprofeno, corroborando com os dados encontrados por Melo *et al.* (2013), onde afirmam que o ibuprofeno pode ser indicado para o paciente infantil, pois esse medicamento já foi administrado a milhares de crianças, tendo demonstrado uma alta margem de segurança, um tempo maior de ação e menos efeitos colaterais. 11% dos entrevistados relataram ser o nimesulida, porém, de acordo com Ferreira *et al.* (2013) nenhum AINE inibidor específico da COX-2 foi aprovado para uso em crianças. 8,7% dos entrevistados do presente estudo afirmaram ser o

diclofenaco de sódio, porém, estudo realizado Melo *et al.* (2013) observaram efeitos adversos consideráveis apresentados por esse medicamento.

Quando inqueridos sobre qual grupo de fármacos faz interação com anticoagulantes 72,8% dos estudantes entrevistados confirmaram ser os AINES, onde segundo Barbosa *et al.* (2018) os mesmos são os medicamentos que fazem interação medicamentosa com anticoagulantes e seu uso simultâneo pode aumentar o risco hemorrágico.

Segundo Alegre *et al.* (2019), na odontologia os antimicrobianos são utilizados em múltiplas especialidades, tendo como intuito tratar ou prevenir infecções orofaciais. Na presente pesquisa quando questionado qual seria a medicação de primeira escolha ao paciente que não possui nenhuma hipersensibilidade a classe de antibióticos, 93,6% relataram ser a amoxicilina, ratificando com o estudo realizado por Martín-Jiménez *et al.* (2018), em Barcelona, onde 100% de sua amostra relatou ser a amoxicilina isolada ou associada ao ácido clavulânico em casos de infecções.

Ao analisar o antimicrobiano mais indicado para pacientes alérgicos à amoxicilina, 65,3% referiram ser a clindamicina, semelhante ao estudo feito por Martín-Jiménez *et al.* (2018), onde 99% dos seus entrevistados optaram pela mesma. A maior parte dos entrevistados, 96%, relataram prescrever antibióticos somente para uso terapêutico ou profilático de infecções, indo de encontro a bibliografia proposta por Andrade (2014).

67,1% dos estudantes relataram que em um atendimento de urgência na atualidade do SARS-CoV-2 onde seja necessária indicação analgésica, a escolha seria dipirona/paracetamol, entretanto, 16,8% não souberam responder, 4,6% indicaram AINE's e 11,6% corticoides, tal resultado pode-se justificar pelo fato da questão abordar o SARS-CoV-2 e muitos estudantes não possuem segurança ou conhecimento por se tratar de um momento novo, conduzindo assim a uma indicação errônea visto que na indagação foi solicitado um analgésico.

Considerando o período pandêmico, foi questionado aos entrevistados qual medicação seria indicada para um paciente com necessidade de profilaxia antibiótica e sem histórico alérgico, 71,7% optou pela amoxicilina, entretanto, 16,8% dos estudantes indicaram a azitromicina, tal escolha pode-se justificar pela ampla popularização da medicação durante a pandemia do SARS-CoV-2. Em estudo similar conduzido por Trento *et al.* (2014), não abordando o período pandêmico, cerca de 98,8% dos acadêmicos indicaram a amoxicilina.

Germano *et al.* (2020), traz que enxaguantes bucais são empregados para controle químico de placa bacteriana ou profilaxia contra infecções orais após procedimentos cirúrgicos. Foi questionado aos acadêmicos qual o agente viricida seria mais eficiente contra o SARS-CoV-2, 77,5% apontou ser a clorexidina 0,12%. Em revisão de literatura realizada por Assis *et al.* (2020) chegaram à conclusão de que o digluconato de clorexidina 0,12% é ineficaz possuindo pouco ou nenhum efeito contra o coronavírus quando comparado a outros enxaguatórios.

Na amostra do estudo, 9,2% dos alunos relataram ser a água oxigenada à 1% (peróxido de hidrogênio), entretanto, Khokhar *et al.* (2020) concluíram ser necessário um estudo mais amplo e padronizado para obter um desfecho mais plausível a respeito do peróxido de hidrogênio. Em estudo in vitro realizado por Brida *et al.* (2020), onde o mesmo objetivou investigar a concentração ideal do Iodopovidona (PVPI) contra o SARS-CoV-2, foi possível concluir que em todas as concentrações testadas (0,5%, 1% e 1,5%) o vírus foi completamente inativado em 15 segundos após o contato.

Sendo assim o PVPI seria o mais eficaz dentre as opções da atual pesquisa, onde apenas 5,2% dos estudantes relataram ser o PVPI e 8,1% não souberam responder, o que justifica o fato do Covid-19 ainda ser um assunto novo e em constante mudança que não foi abordado em seus aspectos teóricos aos graduandos de odontologia. De acordo com Santos *et al.* (2003), a utilização de PVPI pode resultar em vários efeitos colaterais, como manchamentos de dentes ou outros tecidos bucais. Vale ressaltar a informação que Ortega *et al.* (2020) traz que mesmo que pudéssemos remover parte da carga viral através do uso dos enxaguatórios previamente ao procedimento, a saliva seria recontaminada muito facilmente por novas partículas virais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que os entrevistados possuem segurança ao prescrever analgésicos e anti-inflamatórios, porém ainda existem dúvidas a respeito da prescrição de antibióticos e dos protocolos adotados no âmbito pandêmico da Covid-19. Dessa forma o estudo aponta a necessidade de melhora nos conteúdos e abordagem acadêmica, interligando a teoria com a prática de forma contínua durante a graduação. Tais resultados contribuíram com a identificação do nível de aprendizado dos estudantes de Feira de Santana-BA em relação à Terapêutica Medicamentosa e poderão ajudar no planejamento de futuras estratégias metodológicas de ensino nesta área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALEGRE, P.C.U. *et al.* Conhecimento de cirurgiões dentistas sobre antimicrobianos e resistência bacteriana. **Journal of oral investigations**. v.8, n.1, p 18-33, 2019. DOI: 10.18256/2238-510X.2019.v8i1.2909
- ÁLVAREZ, G.R. *et al.* Conhecimento dos estudantes de odontologia sobre prescrição de medicamentos. **Revista Dove Press**, v.4, p. 55-59, 2012. Disponível em: <<https://www.revodontolunesp.com.br/article/5880180f7f8c9d0a098b4a4f>>. Acesso em 25 maio.2022.
- AMADEI, S. U. *et al.* Prescrição medicamentosa no tratamento odontológico de grávidas e lactantes. **Rev. Gauch. Odontol.** 2011; 59: 31-7. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-86372011000500005>. Acesso em 25 maio.2022.
- ANDRADE, E.D. **Terapêutica Medicamentosa em Odontologia**. São Paulo: Artes Médicas, 3° ed., 2014.
- ARNAUD, R. R. *et al.* Conhecimento de acadêmicos de Odontologia sobre a prescrição antibiótica em tratamentos endodônticos. *Archives of Health Investigation*, v.10, n.7, p.1195-1200. DOI:10.21270/archi.v10i7.5440
- ASSIS, S.M. *et al.* Alerta de segurança para ambientes hospitalares e de saúde profissional: A clorexidina é ineficaz para coronavírus. **Revista da associação médica Brasileira**. v.66, n.2, p. 124-129, 2020. DOI: 10.1590/1806-9282.66.S2.124
- ASSUNÇÃO, F.L.E. *et al.* Conhecimento dos acadêmicos de odontologia acerca da prescrição de fármacos. **Revista Bionorte**, v.6, n.1, 2017. Disponível em: <https://www.revistabionorte.com.br/arquivos_up/artigos/a85.pdf>. Acesso em 05 maio.2022.
- BARBOSA, R.A. *et al.* Atenção farmacêutica a pacientes em uso de varfarina. **Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde**, v.4, n.1, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/view/396>>. Acesso em 20 maio.2022.
- BRASIL. Lei nº 9.787, de 10 de fevereiro de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19787.htm. Acesso em: 09 de jan.2022.
- BRIDA, A.S. *et al.* In-vitro rapid inactivation of severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-Co-V-2) using povidone-iodine oral antiseptic rinse. **Journal of Prosthodontics**. v.29, n.6, p.529-533, 2020. DOI:10.1111/jopr.13209
- CANEPELE, T. M. F., YAMAMOTO, E. C., SOUSA, A. C. *et al.* Conhecimento do cirurgião-dentista sobre o atendimento a pacientes especiais: hipertensos diabéticos e gestantes. **Rev. Odontologia**. v.1, p.31-

41. 2011. Disponível em: <<https://www.unibjournal.com.br/pdf/revista1-artigo4.pdf>>. Acesso em 10 maio.2022.

CARVALHO, A.A. *et al.* Visão farmacoterapêutica em odontologia, frequência e classes de medicamentos prescritos em uma clínica odontológica de um município do sul de Minas Gerais-MG. **Revista Odontológica do Brasil Cental**, v.26, n. 79, p. 48-51, 2017. DOI: 10.36065/robrac.v26i79.1049

DA CUNHA, F.F. *et al.* **Medicamentos como fatores de risco para hipertensão arterial secundária: um saber necessário para a enfermagem.** Belém do Pará. Dezembro, 2012.

FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudo de psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020. Disponível em: <<https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/download/3832/5833>>. Acesso em 20 maio.2022.

FERREIRA, T.R. *et al.* Analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios não esteroides em prescrições pediátricas. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 18, n. 12, p. 3695-3704, 2013,. DOI:10.1590/S1413-81232013001200025>.

GERMANO, E.V. *et al.* Antissépticos bucais pré-procedimento como prevenção ao SARS-CoV-2 em odontologia: revisão integrativa. **Revista de ciências da suade nova esperança.** v.18, n.3, 2020. DOI:10.17695/rcsnevol18n3p223-234

JAIN, A. *et al.* Drug prescription awareness among the 3rd year and final year dental students: A cross sectional survey. **Journal Of Indian Association Of Public Health Dentistry.** v. 13, n. 1, p. 36-40, 2015. DOI: 10.4103/2319-5932.153598

KHOKHAR.M. *et al.* Viricidal treatments for prevention of coronavirus infection. **Pathogens and Global Health.** 2020. DOI: 10.1080/20477724.2020.1807177

LINS, L.S.S. *et al.* Avaliação do nível de conhecimento dos estudantes de odontologia do centro universitário de João Pessoa em relação à prescrição de medicamentos. **Archives of Health Investigation.** v. 8, n. 5, p.237-244, 2019. DOI: 10.21270/archi.v8i5.3200

LUCCHETTE, A.C.T. *et al.* Avaliação da prática de prescrição de antibióticos pelos cirurgiões-dentistas da rede pública de um município de médio porte. **Arquivos em Odontologia.** v. 55, n.16, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/arquiosemodontologia/article/view/12184>>. Acesso em: 09 de maio.2022.

LÚCIO, P.S.C.; CASTRO, R.D.; BARRETO, R.C. Prescrição medicamentosa sob a visão de estudantes de Odontologia. **Arquivos em Odontologia.** v.47, n.4, p.188-195, 2011. Disponível em: < http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-09392011000400002>. Acesso em: 09 de maio 2022.

MARQUES, P.E. *et al.* Chemokines and mitochondrial products activate neutrophils to amplify organ injury during mouse acute liver failure. **Official Journal of the American Association for the Study of Liver Diseases Hepatology**, v. 56, n. 5, 2012. DOI: 10.1002/hep.25801

MARTÍN-JIMÉNEZ, M. *et al.* Conhecimento dos estudantes de odontologia quanto as indicações de antibióticos no manejo de infecções endodônticas. **International endodontic journal.** v.51, n.1, p. 118-127, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/iej.12778>

MELO, E.A.C.; LOBO, P.L.D. Avaliação do conhecimento de profissionais de saúde sobre o uso de anti-inflamatórios não esteroidais em crianças. **Odontologia Clínico-Científica.** v.12, n.3, 2013. Disponível em: <<http://revodonto.bvsalud.org/pdf/occ/v12n3/a06v12n3.pdf>>. Acesso em: 20 de maio 2022.

- MOURA, S.C. *et al.* Assessment of quality of prescription by dental students. **Journal of Applied Oral Science**. v. 22, n. 3, p. 204-208, 2014. DOI: 10.1590/1678-775720130568
- ORTEGA.L.K. *et al.* COVID-19: Qual a efetividade do bochecho pré-procedimento?. **Revista da associação paulista de cirurgiões dentistas**. v.74, n.1, p. 74-5, 2020. Disponível em; <https://website.cfo.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Orientando-o-Cirurgia%CC%83o_Dentista-2-2.pdf>. Acesso em: 19 de maio 2022.
- OUANOUNOU, A.; NG, K.; CHABAN, P.; Adverse drug reactions in dentistry. **International Dental Journal, FDI World Dental Federation**. v. 70, p. 79-84, 2020. DOI: 10.1111/idj.12540
- RAMOS, J.M.F. *et al.* Analgésicos en odontología: resultados de una encuesta sobre su uso clínico. **Revista Asociación Dental Mexicana**. v.71, n.4, p. 171-177, 2014. Disponível em: <<https://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=51978>>. Acesso em: 19 de maio 2022.
- SANTOS, M.A.A. *et al.* O uso de iodo-povidine em periodontia. **Revista Odontológica de Araçatuba**. v.24, n.2, p. 09-16, 2003. Disponível em: <<https://apcdaracatuba.com.br/revista/2402/pag09-16.pdf>>. Acesso em: 05 de maio 2022.
- SARAPULTSEVA, M. *et al.* Psychological Distress and Post Traumatic Symptomatology among Dental Healthcare Workers in Russia: Results of a Pilot Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v.18, n.708, 2021. DOI:10.3390/ijerph18020708
- STRUZYCKA, I. *et al.* Knowledge of antibiotics and antimicrobial resistance among final year dental students at Polish medical schools – A cross-sectional study.. **European Journal of dental education**, v.23, p.295-303, 2019. DOI: 10.31482/mmsl.2020.019
- TRENTO.L.C. *et al.* Avaliação do conhecimento de Cirurgiões-Dentistas e acadêmicos de Odontologia na cidade de Aracaju, Sergipe, a respeito da adequada prescrição de antimicrobianos. **Revista de odontologia da UNESP**. v.43, n.4, p. 286-293, 2014. DOI: 10.1590/rou.2014.045
- TYSIAC, M. *et al.* Dentists' professional attitudes and approaches during the COVID-19 outbreak in Poland: a cross-sectional survey. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 30, n. 17, p. 13, 2020. DOI: 10.3390/ijerph17134703

Tabela 1. Indagações relativas à classe de anti-inflamatórios.

1. Qual o AINE mais seguro para crianças?		
	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Ibuprofeno	129	74,6
Diclofenaco	15	8,7
Nimesulida	19	11,0
Não sei responder	10	5,8
Total	173	100,0

2. Qual grupo de fármacos faz interação medicamentosa com anticoagulantes (Ex: Varfarina Sódica) e deve ser evitada a associação?		
	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Antibiótico	20	11,6
AINE	126	72,8
Não sei responder	27	15,6
Total	173	100,0

Fonte: Autor, 2022.

Tabela 2. Indagações relativas à classe de antibióticos.

1. Um paciente eleito para realizar a exodontia das unidades 3.8 e 4.8, comparece ao consultório odontológico relatando não ter nenhuma hipersensibilidade à classe de antibióticos. Qual a medicação de primeira escolha neste caso?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Clindamicina	3	1,7
Amoxicilina	162	93,6
Metronidazol	3	1,7
Não sei responder	5	2,9
Total	173	100,0

2. Em casos de hipersensibilidade à amoxicilina, qual fármaco abaixo você prescreveria?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Metronidazol	35	20,2
Ampicilina	11	6,4
Clindamicina	113	65,3
Não sei responder	14	8,1
Total	173	100,0

3. Quando prescrevemos antibióticos?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Para uso terapêutico ou profilático de infecções	166	96,0
Na prevenção de quadros alérgicos	1	0,6
Para todos os pacientes antes de intervenções cirúrgicas	4	2,3
Não sei responder	2	1,2
Total	173	100,0

Fonte: Autor, 2022.

Tabela 3. Indagações relativas à prescrição medicamentosa durante a pandemia do SARS-CoV-2.

1. Em um atendimento de urgência odontológica onde existe a necessidade de prescrição analgésica, qual é a classe medicamentosa indicada na atualidade do SARS-CoV-2?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
AINE's	8	4,6
Corticóide	20	11,6
Analgésico (Dipirona/Paracetamol)	116	67,1
Não sei responder	29	16,8
Total	173	100,0

2. Considerando o período pandêmico (SARS-CoV-2) em atendimento a paciente sem histórico de alergia a medicamentos que irá realizar procedimento cirúrgico odontológico com necessidade de profilaxia antibiótica, qual medicamento de escolha?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
Azitomicina	29	16,8
Amoxicilina	124	71,7
Metronidazol	4	2,3
Não sei responder	16	9,2
Total	173	100,0

3. Para reduzir a carga viral no atendimento odontológico, qual agente viricida tem sido considerado mais eficiente contra o SARS-CoV-2 para uso antes do atendimento?

	Frequência absoluta (N)	Frequência relativa (%)
PVPI 0,5%	9	5,2
Água oxigenada 1%	16	9,2
Clorexidina 0,12%	134	77,5
Não sei responder	14	8,1
Total	173	100,0

Fonte: Autor, 2022.

1 Discente do curso de odontologia do Centro Universitário UniFTC de 2021 (UniFTC/21),

e-mail: gabriellyfsa@hotmail.com

2 Discente do curso de odontologia do Centro Universitário UniFTC de 2021 (UniFTC/21),

e-mail: lavinia_trabuco@outlook.com

3 Mestre em Ciências Farmacêuticas, Docente do curso de odontologia do Centro Universitário UniFtc de 2021, e-mail: alexandra.helfenstein@ftc.edu.br

Recebido em: 2 de Abril de 2022

Avaliado em: 12 de Abril de 2022

Aceito em: 21 de Abril de 2022



www.periodicos.uniftc.edu.br



Periódico licenciado com Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.